

O PRIMADO DO OUTRO SOBRE O MESMO...

Regina Maria Varini MUTTI

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Neste painel (17), cujo objetivo é o enfoque do texto "Analyse de Discours: trois époques (1983)" (PÊCHEUX, 1990a), propomo-nos a evidenciar alguns efeitos de sentidos sobre as designações de "três épocas" à Análise de Discurso feitas por seu autor, Michel Pêcheux. Buscamos ressaltar, de alguma maneira, impactos situados em torno do progressivo "primado teórico do *outro* sobre o *mesmo*" (PÊCHEUX, 1993, p..315), assinalado pelo autor ao se referir à trajetória da disciplina e à perspectiva de sua continuidade. Tomamos recortes do referido texto, tal como foi traduzido para o português (PÊCHEUX, 1993), considerando que a tripla designação da disciplina suscita polêmica.

O emprego da palavra época marca presença no próprio título do artigo, figurando no plural: "épocas", "três épocas". "Época", como se encontra no dicionário (FERREIRA,1999, p.780), significa:"faixa cronológica para a qual se toma como base um acontecimento notável, de caráter social, histórico, cultural". Michel Pêcheux significa os acontecimentos que fizeram diferença na construção do objeto teórico Análise de Discurso, relevando com isso sua concepção de que um quadro teórico não consiste num já lá estável, pois que admitir novas interpretações é condição de prosseguir. E assim como narra a história da AD, Pêcheux comprova o modo como atua o sujeito no seu processo de autoria teórica.

Esse processo de autoria iniciou com a grande ruptura epistemológica que fundou a AD1. Nas palavras de Pêcheux, foi uma tomada de posição "estruturalista" que possibilitou a formulação dessa ruptura, vista como "uma recusa que não vai variar da AD1 à AD3". A recusa, diz o autor, "de qualquer metalíngua universal supostamente inscrita no inatismo do espírito humano, e de toda suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu discurso." (lb.p.311).

A proposta de "desconstrução" dos métodos de análise da AD1 levou à formulação da AD2 através de um movimento de "conversão (filosófica) do olhar" (lb.p.313), que conduziu à visualização das relações "**entre**" as

formações discursivas, a ponto de questionar "talvez" (Ib. p.315) a viabilidade da manutenção desse conceito - tão caro à teoria, no que diz respeito ao propósito de mostrar a emergência da regularidade, do sentido *mesmo*. Esse "talvez" não necessariamente deva significar que se abra mão do conceito. O conceito de formação discursiva, permitindo o enfoque do sentido mesmo, é profícuo como referência para visualizar-se uma certa rede de sentidos outros, em cuja complexidade heterogênea o analista identifica uma regularidade. Interessa analisar esse cruzamento que faz parte da produção de sentidos.

A ênfase teórica na heterogeneidade fez com que a AD3 surgisse, quanto aos procedimentos analíticos, tal como escreveu Pêcheux, com "muitos pontos de interrogação" (Ib.p.317). Esses pontos de interrogação, devemos salientar, podem ser compreendidos não como impasses, mas como instigantes questões de pesquisa que, embora complexifiquem, ampliam horizontes para a Análise de Discurso na contemporaneidade. Através das múltiplas questões que formula, o autor vai apontando possíveis parâmetros, coerentes com a nova perspectiva anunciada. Destaca, com ênfase, a necessidade de não se perder de vista que a Análise de Discurso pauta-se pelo princípio de vincular sempre os dispositivos teóricos aos procedimentos de análise, é uma disciplina comprometida com a análise. Devem as "construções novas" (Ib. p.315), assim, por exemplo, contemplar na análise os feixes de traços interdiscursivos que se cruzam, se conjugam e se dissociam, se inscrevendo através de uma língua, não somente por ela mas também nela. Uma análise que mostre falhas na língua e equívocos do sujeito; que enfrente a complexidade de mostrar "o encontro entre um espaço de interlocução, um espaço de memória e uma rede de questões" (Ib.p.318). O processo de análise discursiva, aponta Pêcheux, deve ocorrer "em espiral", combinando entrecruzamentos, reuniões e dissociações de séries textuais (orais/escritas), de construções de questões, de estruturações de redes de memórias e de produções da escrita. Chama a atenção para a análise do gesto de interpretação como efeito capaz de fazer intervenção no processo, bem como para a questão representada na emergência do sujeito-leitor. (Ib. p.318)

As desconstruções e reconstruções, apontadas no percurso da Análise de Discurso até o estabelecimento da AD3, podem ser vinculadas a efeitos de sentidos diversos. Malidier bem denomina de "inquietação do discurso"

(MALDIDIER, 1990) ao processo de interrogação da disciplina desencadeado por Pêcheux que culminou com a designação de uma "terceira época", em referência ao momento de enunciação do artigo, escrito em 1983. Um dos efeitos, relacionado ao sentido de dúvida, incerteza, incompletude traduz-se no risco de que as mudanças cheguem à desconfiguração da face inicial da disciplina, com a qual esta se fez conhecida; a influência de sentidos divergentes poderiam, se levada a extremo, diluir o impacto da proposta fundadora ...

Não obstante, o efeito de resguardo identitário está bem presente desde o título do artigo, cuja formulação se inicia com a própria designação: "Analyse de Discours". Na tradução para o português, salienta-se o artigo definido *a*, fazendo parte da expressão definida: "A Análise de Discurso". Observa-se que o emprego do artigo definido ajuda a conferir a unicidade identitária ao objeto constituído. Observa-se, não obstante, uma alteração significativa: o emprego da preposição "de", em substituição à combinação *do*, assinalando a passagem da Análise do Discurso para "Análise de Discurso". Fica apontada a mudança da univocidade para a plurivocidade do enfoque da disciplina. Desliza daí outro efeito de sentido importante: que é justamente porque suporta reconfigurações que a AD continua fazendo sentido para a pesquisa hoje. Pêcheux não aceita a concepção de "ciência-régia" estável, como discute na obra: "Le discours: structure ou événement?" (PÊCHEUX, 1990b), também escrita em 1983. Desse modo, o autor assinala que o sujeito que formula teorias, inscrevendo-se no discurso científico-acadêmico, está autorizado a produzir novos sentidos, de acordo com a sua historicidade, inclusive re-significando conceitos. Deve-se a essa atuação dinâmica do sujeito o fato de que os campos de conhecimentos não são fixos.

O exemplo de Pêcheux produz efeitos para a compreensão do que seja seguir uma teoria. Seguir uma teoria significa reconhecer um sentido mesmo que já está posto, como um pré-construído, mas a filiação supõe variação no momento de empregá-la para constituir novos objetos de pesquisa. A cada emprego de um dado quadro teórico referencial para produzir conhecimento, o sentido se dinamiza, confrontam-se o mesmo e o outro sentido. Cada filiação representa um movimento do sujeito e do sentido. A filiação não abrange "tudo" do quadro teórico que é suposto pelo sujeito, é imperfeita, algo escapa. A

esses equívocos corresponde a multiplicidade e a incompletude dos sentidos. Talvez por isso se observem hoje diversas maneiras de filiação (ou até desfiliação) dos sujeitos à Análise de Discurso. A adesão a essa disciplina, cuja pretensão é interrogar sentidos estabelecidos, não se isenta de afetos (e desafetos), mobiliza formas de poder diversas, em cada contexto em que é significada. Na base da inquietação, encontra-se a história de cada sujeito e o desejo que o vincula à Análise de Discurso.

Um debate que retorna parece decorrer do fato de a AD ter-se fundado na intersecção de epistemologias distintas, pertencentes a áreas de forte estabilidade, tais como a lingüística, o materialismo histórico, a psicanálise. Esse movimento de aproximação acirra a discussão sobre o modo como cada área foi aproveitada (ou desaproveitada) na nova articulação teórica, designada como teoria do discurso. Numa junção como essa, sentidos de cobrança surgem dos lugares ocupados por essas áreas. Cobranças que incidem sobre o risco de uma teoria-fonte utilizada ser desvirtuada na apropriação. Sansão pelo emprego de algum componente teórico cuja "limitação" já foi criticada. Medição do espaço que as várias epistemologias empregadas ganharam na nova teoria. Desconfiança diante da possibilidade de tocar em teorias diferentes para criar uma outra.

Questões como essas surgem em relação à AD e não se devem propriamente à designação das três épocas, pois que a antecedem, embora esse gesto fomente a discussão. Vestígios desse sentido que faz parte do discurso acadêmico se manifestam seguidamente quando o pesquisador se dispõe a constituir seu objeto de pesquisa aproximando autores. Surge a competição entre aqueles que se crêem "especialistas" das diversas áreas, a desconfiança em relação ao casamento, a discordância sobre os modos de apropriação. O artigo de Pêcheux faz ressoarem alguns questionamentos sobre as fontes epistemológicas da AD e a consideração das circunstancialidades de suas produções.

Observa-se também com força, na comunidade de analistas do discurso, a emergência de um efeito de sentido de irrelevância da interpretação da AD em "três épocas", a qual Pêcheux assinalou neste artigo. Nessa posição, podem ser incorporadas algumas mudanças atribuídas pelo autor às épocas distintas ou não fazer essa explicitação. Não se aceita qualquer

indicação de sentido de superação que possa estar contido na palavra época, resguardando-se, sim, o trabalho de significação resultante de cada condição de produção que o determinou. Não se acolhem os respingos de uma desconstrução que poderia carregar significações "destrutivas", valorizando-se como um todo as construções teóricas da disciplina.

Essa referida posição opõe-se à posição que se fundamenta na interpretação das épocas como reforço ao questionamento do emprego dos discursos teóricos-fonte que fizeram parte da articulação fundadora da AD. Observa-se nessa posição um forte apego a estes campos teóricos que são vistos como estáveis - seja a lingüística, a psicanálise, o materialismo histórico - lugares de onde vêm críticas, dirigidas a mostrar algum tipo de inviabilidade teórica na disciplina que propiciaram.

Outra posição decorrente da diferenciação em três épocas, ainda, é representada pela explicitação declarada da identificação dos pesquisadores com a terceira época da AD, seguindo a interpretação de Pêcheux. Pressupõe-se, nessa posição, que não vão ser empregados alguns postulados das épocas anteriores. Propõem-se a problematizar questões teóricas e analíticas sugeridas pelo autor como características da terceira época da AD. Elementos de outros referenciais podem ser conjugados à teoria da AD.

Na base dessa polêmica, atua a ilusão (necessária) do sujeito-pesquisador de contar para si com um referencial teórico estável. Mas como mostra Pêcheux neste artigo, um campo teórico é incompleto, porque consiste numa produção discursiva de sujeitos. Comprovou que a AD não somente se propõe a ser uma disciplina de interpretação, mas que ela própria, como disciplina, está sujeita à interpretação.

Encerro este pronunciamento, tendo apenas levantado algumas possibilidades de debate. De fato, mais do que estabelecer limites bem definidos para as três épocas indicadas, seria aceitar, como nos sugeriu Pêcheux, que a AD está ainda aberta para outras épocas. Seria a abertura a novos sentidos, a possibilidade de re-significar o campo, cujo exemplo nos deixou Pêcheux, a riqueza da AD, do ponto de vista teórico-analítico. Importa a possibilidade de uma teoria servir para tratar de questões do mundo, dar-lhe sentido e transformá-lo. Importa servir de ferramenta para produzir novos conhecimentos. Estamos fazendo AD no Brasil, na medida em que a

significamos aqui neste contexto, empregando-a para criar objetos de pesquisas, em várias áreas. São muitas as releituras das obras fundadoras, e estas incidem em reformulações de sentidos pelos sujeitos, os quais acabam promovendo reconfigurações do quadro teórico. Este volta, mas não volta igual, a cada pesquisa que a AD possibilita. É inevitável que se transforme, para que responda às necessidades de nosso tempo.

Referências Bibliográficas:

FERREIRA, Aurélio B. de O. Novo Aurélio; século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro, Ed.Nova Fronteira, 1999.

MALDIDIER, Denise. *L'Inquietude du Discours* ; textes de Michel Pêcheux. Paris, Éditions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso* ; uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Traduzido por Jonas de A. Romualdo. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.

_____. Analyse du discours: trois époques (1983). In: MALDIDIER, Denise (org.) *L' Inquiétude du Discours*; textes de Michel Pêcheux. Paris, Éditions des Cendres, 1990a, p.295-302.

_____. Le discours: structure ou événement? (juillet 1983) In: MALDIDIER, Denise.

L'Inquiétude du Discours; textes de Michel Pêcheux. Paris, Éditions des Cendres, 1990b, p.303-23.